



**Denise Pereira  
(Organizadora)**

# **A Transversalidade da Prática do Profissional de História 2**

**Atena**  
Editora

**Ano 2019**

**Denise Pereira**  
(Organizadora)

# A Transversalidade da Prática do Profissional de História 2

Atena Editora  
2019



2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os autores

#### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

T772 A transversalidade da prática do profissional de história 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A Transversalidade da Prática do Profissional de História; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-283-8

DOI 10.22533/at.ed.838192504

1. História – Estudo e ensino. 2. Prática de ensino. 3. Professores de história – Formação I. Pereira, Denise. II. Série.

CDD 907

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Ao longo das últimas décadas, o ensino de História vem se consolidando enquanto campo de pesquisa, principalmente a partir da década de 1980, e as linhas de pesquisa, mormente, estão ligadas às metodologias de ensino, ao livro didático ou, ainda, às políticas públicas de inserção desses temas no currículo escolar. Neste modo, falar de transversalidade na prática do profissional de História, é observar a ligação aproximada da escola da realidade vivida pelos alunos, ou seja, trazer as disciplinas, os professores, os conteúdos escolares e aproximá-los do mundo do estudante. Dessa maneira, os alunos teriam uma aprendizagem significativa e seriam vistos com sujeitos históricos.

Os temas transversais são abordados recorrentemente a partir da proposta do trabalho interdisciplinar. O fato recorrente nessas abordagens interdisciplinares é que cada disciplina/campo se preocupa com seu recorte específico sobre o tema, o que acaba fragmentando-o ainda mais.

A aplicação dos temas transversais acontece a partir da renovação nos métodos, conceitos e didáticas no campo da pesquisa em História. Neste e-book temos a compreensão da realidade e a afetiva participação do indivíduo a partir de dados e noções relativos ao seu cotidiano, ao seu universo, fazem com que a campo do historiador a passe a ser considerada como um espaço de conhecimento e reconhecimento, onde por intermédio das diversas outras áreas de pesquisa se concretize como construtor de sua própria história.

Aqui diversos pesquisados do campo da História, trabalharam com a proposta de temas transversais em várias áreas baseadas em eixos temáticos, tais como: cultura, religião, educação, arte, cinema, gênero, entre muitos outros.

Boa leitura.  
Denise Pereira

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
LER PARA NÃO ESQUECER: DENÚNCIA E RESISTÊNCIA À DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA NO ROMANCE O PARDAL É UM PÁSSARO AZUL DE HELONEIDA STUDART	
<a href="#">Ioneide Maria Piffano Brion de Souza</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8381925041</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>10</b>
LER, ESCREVER E VOTAR: A REFORMA DO DIREITO ELEITORAL NO BRASIL IMPÉRIO (1860-1881)	
<a href="#">Kátia Sausen da Motta</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8381925042</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>22</b>
LITERATURA DE CORDEL: UMA POSSIBILIDADE PARA ENSINAR HISTÓRIA A ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL	
<a href="#">Luciana de Moraes Trombeta</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8381925043</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>31</b>
MEDIÇÃO EM FOCO: ESTUDO DE CASO DA EXPOSIÇÃO PERMANENTE DO PALÁCIO TIRADENTES	
<a href="#">Priscila Lopes d'Avila Borges</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8381925044</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>38</b>
MÍDIA IMIGRANTE E OBITUÁRIOS: UM ESTUDO SOBRE PRÁTICAS DE LAZER PRESENTES NO JORNAL UCRANIANO PRACIA	
<a href="#">Angélica Szeremeta</a>	
<a href="#">Alfredo Cesar Antunes</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8381925045</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>52</b>
"O DEFENSOR DOS DIREITOS DO POVO". CIDADANIA, DEMOCRACIA, LIBERALISMO E REPÚBLICA NO JORNAL "A LIBERDADE"	
<a href="#">Mariana Nunes de Carvalho</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8381925046</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>67</b>
O DIRETÓRIO DOS ÍNDIOS DE 1755: ECONOMIA, TRABALHO E POLÍCIA NO REFORMISMO LUSO-BRASILEIRO	
<a href="#">Bianca Racca Musy</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8381925047</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>75</b>
ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
<a href="#">Rosimeire Gonçalves</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8381925048</b>	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>83</b>
O ESPAÇO DO SAGRADO E O ESPAÇO DO TRABALHO NOS VITRAIS DA CATEDRAL DE CHARTRES (FRANÇA – SÉCULO XIII)	
Debora Santos Martins	
DOI 10.22533/at.ed.8381925049	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>97</b>
O ESPECTADOR EMANCIPADO E O FIM PEDAGÓGICO DA ESTÉTICA/OBRA DE ARTE	
Michelle dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.83819250410	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>107</b>
O MITO E A COMPOSIÇÃO VISUAL DOS ESPAÇOS	
Bruno Rodrigo Couto Lemos	
DOI 10.22533/at.ed.83819250411	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>117</b>
O RENASCIMENTO CULTURAL MODERNO: ANÁLISES E REFLEXÕES A PARTIR DO LIVRO “O RENASCIMENTO” (NICOLAU SEVCENKO, 1988) - NOSSAS HERANÇAS E A CORRUPÇÃO NO BRASIL DE HOJE	
José Antonio de Andrade	
José Carlos Correia Cardoso Júnior	
Rafael Magalhães Costa	
DOI 10.22533/at.ed.83819250412	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>126</b>
O SETOR AUTOMOTIVO NO GOVERNO JK: POLÍTICAS E EMPRESAS	
Fernando Marcus Nascimento Vianini	
DOI 10.22533/at.ed.83819250413	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>138</b>
O TEATRO COMO FESTA: UMA INTRODUÇÃO À TEORIA TEATRAL DE GEORG FUCHS	
Beatriz Magno Alves de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.83819250414	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>147</b>
O TOPÔNIMO PIRES DO RIO: A CONSTRUÇÃO DA VIA FÉRREA E O SURGIMENTO DE UMA CIDADE	
Cleber Cezar da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.83819250415	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>156</b>
OS ASPECTOS DA URBANIZAÇÃO DE MURIAÉ-MG	
Arthur da Costa Orlando	
DOI 10.22533/at.ed.83819250416	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>167</b>
POR UMA ARTE DO CULTIVO: AGRICULTURA COMO INSTRUMENTO DE CONTROLE DE ÍNDIOS E COLONOS NO PARÁ DAS DÉCADAS DE 1840-1880	
Francivaldo Alves Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.83819250417	

<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>179</b>
PROPRIEDADE, MOEDA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS: ELEMENTOS DA “NOVA ORDEM MUNDIAL” PRESENTES NA OBRA HISTÓRIA UNIVERSAL DE H. G. WELLS (1918-1920)	
<a href="#">Pedro Nogueira da Gama</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.83819250418</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>195</b>
REDE CAIÇARA DE CULTURA	
<a href="#">Bruno Tavares Magalhães Macedo</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.83819250419</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>204</b>
SENSIBILIDADES DE GÊNERO: NARRATIVAS SOBRE A MORTE E OS MORTOS	
<a href="#">Cícero Joaquim dos Santos</a>	
<a href="#">Rafael Gonçalves de Araújo</a>	
<a href="#">Antônio Carlos Dias de Oliveira</a>	
<a href="#">Teófilo Silva Primo Correia</a>	
<a href="#">Zuleide Fernandes de Queiroz</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.83819250420</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>211</b>
UM PROCESSO CRIMINAL NOS JORNAIS NEUTROS DO SÉCULO XIX: O ATENTADO CONTRA DOM PEDRO II	
<a href="#">George Vidipó</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.83819250421</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>223</b>
UMA REGIÃO ESPORTIVA OS SUBÚRBIOS DO RIO DE JANEIRO NO INÍCIO DO SÉCULO XX	
<a href="#">Glauco José Costa Souza</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.83819250422</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>231</b>

## SENSIBILIDADES DE GÊNERO: NARRATIVAS SOBRE A MORTE E OS MORTOS

### **Cícero Joaquim dos Santos**

Universidade Regional do Cariri  
Departamento de História  
Crato-CE

### **Rafael Gonçalves de Araújo**

Universidade Regional do Cariri, Curso de  
História. Crato-CE

### **Antônio Carlos Dias de Oliveira**

Universidade Regional do Cariri, Curso de  
História. Crato-CE

### **Teófilo Silva Primo Correia**

Universidade Regional do Cariri, Curso de  
História. Crato-CE

### **Zuleide Fernandes de Queiroz**

Universidade Regional do Cariri, Departamento de  
Educação. Crato-CE

**RESUMO:** Este trabalho apresenta reflexões relacionadas às narrativas orais sobre a presença dos mortos no mundo terreno, bem como sobre seus trânsitos no além cristão, e suas conexões com questões de gênero na região do Cariri, sul do estado do Ceará. O estudo problematiza sensibilidades de gênero na contemporaneidade. Desse modo, ele tem como objetivos: analisar as masculinidades e feminilidades presentes nas memórias sobre a morte e os mortos; compreender as mudanças e continuidades relacionadas às crenças sobre o além-mundo; deslindar as relações entre

gênero, idade e classe social nas narrativas sobre os mortos; perscrutar as sensibilidades de homens e mulheres nas memórias sobre seus familiares mortos e seus destinos no além cristão. Dialogando com os conceitos memória e sensibilidade, a pesquisa faz uso da história oral, tomando-a como a arte da escuta e das relações. Assim, ela analisa entrevistas orais produzidas com idosos católicos, integrantes e ex-integrantes de irmandades religiosas leigas, residentes nos espaços urbanos e rurais da região do Cariri. Além disso, ela analisa fontes escritas, tomando-as como documentos complementares. Como primeiros resultados, o estudo historiciza papéis sociais de gênero, moralidades e referências às masculinidades e feminilidades.

**PALAVRAS-CHAVE:** Narrativas. História oral. Relações de gênero. Sensibilidades. Mortos.

### 1 | INTRODUÇÃO OU CAMINHOS TEÓRICOS DE UMA CONSTRUÇÃO

Olhando-se num espelho, os homens descobrem a morte. [...] É talvez isso que torna a história da morte tão fascinante. Trata-se, para o historiador, de voltar aos dados do problema, de surpreender do outro lado essa troca de olhares. Partindo da morte e das atitudes coletivas que



a acolhem, a história quer reencontrar os homens e surpreendê-los na região diante de uma travessia que não permite trapaça. (VOVELLE, 1996, p. 12).

Esse escrito do historiador Michel Vovelle chama a atenção para a compreensão da “travessia que não permite trapaça”, a partir das atitudes coletivas perante a morte. Ele indica como a história da morte foi desencadeada tomando como referência os modos pelos quais os vivos percebem e vivenciam o problema da finitude humana. Desse modo, a morte transcende do fenômeno biológico para o sentimento da morte e insere-se como uma experiência social e cultural. Assim, tornou-se um evento historicizável. Nessa construção, o seu nascimento remonta ao estreitamento dos diálogos dos historiadores com outras áreas do conhecimento, como a Antropologia, a Psicologia e a Sociologia. Isso ocorreu na segunda metade do século XX (MARCÍLIO, 1983).

Para Otto Oexle (1996, p. 27), a partir dos anos 1970, a historiografia europeia, especialmente a francesa, deu destaque às “[...] atitudes e [a]os comportamentos dos homens diante da morte, bem como sobre as mudanças que eles sofreram no decorrer dos séculos até o presente”. Nessa urdidura, o historiador Philippe Ariès (2003, 2014) foi o precursor. Seus trabalhos ganharam destaque na historiografia ocidental por abordar o percurso das atitudes perante a morte e, assim, as transformações ocorridas ao longo dos séculos, tomando como referência o *tempo de longa duração*. Para ele (e outros historiadores que lidam com a temática da morte), as crenças e os comportamentos dos vivos perante o momento da morte inserem-se no *inconsciente coletivo*, perdurando por longos períodos de imobilidade e/ou de lentas transformações.

Rememorando os escritos de Maria Luiza Marcílio (1983, p. 61): “[...] as pesquisas desbravadoras de Phillippe Ariès e Michel Vovelle mostraram a beleza, a complexidade e também a viabilidade da história das atitudes diante da vida, da infância, do casal, da família e da morte, no Ocidente cristão”. A partir de então, uma série de estudos isolados foram publicados por historiadores que obtiveram destaque, além de Ariès e Vovelle, como Pierre Chaunu, François Lebrun e Robert Favre. De acordo com Otto Oexle (1996), a produção historiográfica sobre o tema da morte, produzida na segunda metade do século XX, foi voltada para a história da cultura. Como desdobramentos desses estudos, e apresentando novas questões, Schmitt (1999) e Vovelle (1997, 2010) fundaram a história dos mortos.

No início dos anos de 1990, o historiador João José Reis (1991) inaugurou a história da morte no Brasil. Ao publicar *A morte é uma festa*, Reis abriu caminhos para que outros historiadores se lançassem nas trilhas da morte como objeto da história brasileira. Dessa publicação até os nossos dias, outras abordagens e problemáticas foram lançadas à morte na sociedade e à história da morte, terreno esse que vem fertilizando muitas pesquisas apresentadas em programas de Pós-Graduações e Graduações em História e áreas afins, como as Ciências Sociais, a Antropologia, a Filosofia, as Ciências da Religião, a Comunicação, as Artes, a Arquitetura e a Psicologia.

Entretanto, há uma ausência a ser superada. Os estudos recentes vêm

pluralizando as interpretações sobre o lugar da morte e dos mortos na sociedade, mas pouco sabemos sobre as relações entre a história dos mortos e as questões de gênero. Essa ausência foi percebida a partir da conclusão da pesquisa de doutoramento em História Social da autoria de Santos (2017a), bem como das instigantes colocações postas na tese de doutorado em Antropologia escrita por Conceição (2011).

Nesse sentido, esta pesquisa problematiza as sensibilidades de gênero(s) mediante a análise das narrativas orais sobre aparições dos mortos no mundo dos vivos, na região do Cariri cearense do século XXI. Como objetivos específicos, ela almeja:

Entender como os papéis sociais de gênero foram inseridos no imaginário cristão tocantes às aparições dos mortos; Analisar as masculinidades e feminilidades presentes nas memórias sobre a morte e os mortos no Cariri contemporâneo; Compreender as mudanças e continuidades relacionadas às crenças sobre além-mundo e os papéis de gênero; Deslindar as relações entre gênero, idade e classe social nas narrativas sobre os mortos; Perscrutar as sensibilidades de homens e mulheres nas memórias sobre seus familiares mortos e seus destinos no além cristão. (SANTOS, 2017b, p. 5).

Para isso, tomamos a *sensibilidade* como uma categoria conceitual da Nova História Cultural. De acordo com Sandra J. Pesavento (2007), ela é compreendida como um modo de apreensão e conhecimento do mundo para além das fronteiras do saber científico e racional. Ela tem lugar nas sensações do corpo humano, despertadas como uma reação em face do vivido. Assim, como forma de ser e estar no mundo, a sensibilidade pode ser compreendida a partir das sensações e emoções, na reação dos sentidos afetados por fenômenos físicos e/ou psíquicos. Também corresponde aos modos pelos quais as sensações são interpretadas, organizadas e traduzidas mentalmente. São processos singulares pelos quais as sensações se transformam em sentimentos.

Se, por um lado, a sensibilidade é um sentir individual de cada um, logo marcada pela subjetividade, por outro, também é compartilhada, uma vez que “[...] os homens aprendem a sentir e a pensar, ou seja, a traduzir o mundo em razões e sentimentos através da sua inserção no mundo social, na sua relação com o outro” (PESAVENTO, 2007, p. 14). Isto é, as sensibilidades também são construções sociais e, portanto, cabíveis de serem problematizadas na tarefa hermenêutica dos historiadores.

Em consonância com os sentidos apresentados por Sandra J. Pesavento (2007, p. 10), as sensibilidades são tratadas, neste estudo, “[...] como operações imaginárias de sentido e de representação do mundo, que conseguem tornar presente uma ausência e produzir, pela força do pensamento, uma experiência sensível do acontecido”. Nesse sentido, a capacidade mobilizadora das sensibilidades é projetada no campo da ação, da tomada de iniciativa, bem como no campo da estética, quando esta se refere “[...] àquilo que provoca emoção, que perturba, que mexe e altera os padrões estabelecidos e as formas de sentir” (PESAVENTO, 2007, p. 21).

Dessa maneira, a partir da análise das marcas de historicidades ou evidências

do sensível (imagens, palavras, textos, sons, práticas, objetos), as sensações, os sentimentos e as imaginações têm um lugar especial para a escrita histórica, que tenta compreender o que parece indizível, neste caso, as maneiras como os vivos imaginam seus mortos, seus lugares no além e trânsitos no mundo terreno, estando atrelados, dentre outras nuances, às questões de gênero.

## 2 | TRILHAS METODOLÓGICAS

Esta pesquisa conta com o apoio do Programa de Bolsas de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Pibic/CNPq), junto à Universidade Regional do Cariri (Urca). O projeto, intitulado *Presença (in) dizível: sensibilidades de gênero nas narrativas sobre os mortos na região do Cariri/CE*, de autoria e coordenação do professor doutor Joaquim dos Santos, conta com a participação do bolsista Teófilo Primo, estudante do curso de História da Urca.

Para o desenvolvimento da pesquisa, fazemos uso da história oral. Concordando com a definição apresentada por Alessandro Portelli (2016), ela é compreendida como uma narração dialógica que toma o passado como assunto e que é produzido a partir do encontro de um sujeito, identificado como narrador, e de outro, chamado de pesquisador. Tal encontro geralmente é mediado por um gravador e um bloco de anotações ou caderno de campo (usado para os registros).

Nesse sentido, a especificidade maior da pesquisa desenvolvida mediante os usos da história oral está na produção do documento: a fonte oral. Ela é construída, variável e parcial (PORTELLI, 2013). É no diálogo entre o pesquisador e o narrador que a fonte é produzida, considerando as inquietações de quem pergunta, as vontades de quem responde, os silêncios, os tempos e as demais implicações que ocorrem no diálogo e na troca de olhares entre dois e/ou mais sujeitos. Para Portelli (2016), essa é a grande riqueza da pesquisa. É na compreensão dessa interação que podemos perceber o significado e o funcionamento da memória do passado no presente, em vez de tentar compreender o que de fato aconteceu. Por isso, procuramos produzir entrevistas de história oral sobre as sensibilidades de gênero nas narrativas sobre os mortos evidenciando os diálogos, grifando perguntas e respostas e deixando visíveis as intervenções, a presença dos mediadores, as pausas, os silêncios, os risos, as lágrimas e as expressões dos narradores.

De acordo com Portelli (2016), a história oral é definida, portanto, como uma *arte da escuta* baseada em um conjunto *de relações*, a saber: 1. A relação entre entrevistados e entrevistadores (diálogo); 2. A relação entre o tempo em que o diálogo acontece e o tempo histórico discutido na entrevista (memória); 3. A relação entre a esfera pública e a privada, entre autobiografia e história – entre, digamos, a História e as histórias; 4. A relação entre a oralidade da fonte e a escrita do historiador.

De certo modo, essas relações serão, em grau maior ou menor, mencionadas e trabalhadas no desenvolvimento da pesquisa. Vale lembrar que, ao narrar sobre

a presença dos mortos no mundo dos vivos na contemporaneidade, os narradores fazem referências às experiências vividas por eles próprios (com os mortos) e, de igual modo, mencionam saberes construídos a partir da escuta das tradições orais (SANTOS, 2017a).

Aqui, cabe ressaltar que fonte oral e tradição oral são categorias distintas. Como Portelli (2016) destaca, a tradição oral é composta por construtos verbais formalizados que são transmitidos. Já as fontes orais dos historiadores são narrativas individuais, dialógicas, informais, elaboradas no encontro entre o pesquisador e o narrador, como foram mencionadas anteriormente. “Naturalmente, essas narrativas podem incorporar materiais tradicionais, e os historiadores orais também podem recorrer às tradições orais. No entanto, é bom mantermos os dois conceitos distintos: nem tudo o que é oral é tradicional” (PORTELLI, 2016, p. 9).

Concepções semelhantes são apontadas por Jack Goody (2012), para quem a tradição oral é uma das “formas orais padronizadas”, e por Julie Cruikshank (2006), que a toma como um sistema coerente e dinâmico de construção e transmissão de conhecimentos. Por isso, nesta pesquisa dialogaremos com esses três autores nas reflexões sobre memória e tradição oral concernentes às sensibilidades de gênero.

No desenvolvimento da pesquisa, procuramos entrevistar idosos católicos e seus familiares, residentes nos espaços urbanos e rurais do Cariri. Privilegiamos aqueles/as que integram e/ou integraram grupos de religiosos leigos, como penitentes e incelências, bem como de irmandades religiosas oficiais, como é o caso da Irmandade do Santíssimo Sacramento, entre outras. Com a mesma relevância, procuramos entrevistar pessoas que socialmente são apontadas como sujeitos que possuem algum tipo de proximidade e/ou estabelecem comunicações e intercessões com os mortos e com as forças do além, como é o caso de rezadeiras e outros praticantes das religiosidades do catolicismo não oficial.

É importante considerar que, na medida em que as fontes orais são singulares em virtude, sobremaneira, da sua produção e, conseqüentemente, contemporâneas do tempo estudado, elas trazem à baila uma profusão de narrativas tecidas a partir do vivido, aprendido e transmitido, suas redes de relações, incorporações e negociações com os artefatos da cultura. Na contemporaneidade, os saberes transmitidos nas memórias orais sofrem mediações das mais diversas e são postos em múltiplos suportes. Assim, as metamorfoses do oral no escrito e do escrito no oral, entre dimensões materiais e virtuais, serão, de igual modo, relevantes para a compreensão dos saberes socialmente compartilhados. Nesse sentido, refletir sobre a força do passado transmitido oralmente na atualidade requer o entrecruzamento das memórias orais com as equações da escrita multifacetada, elaborada, lida ou escutada por muitos narradores.

Por conta disso, além das fontes orais, fizemos uso de narrativas escritas. Como Portelli (2013, p. 31-32) reitera, muitos informantes leem livros e jornais, veem televisão e escutam rádio, têm cartas, diários e outros recortes guardados: “Com

efeito, a oralidade e a escrita não existem separadamente: se muitas fontes escritas estão baseadas na oralidade, a oralidade moderna está saturada de escrita”. Elas serão selecionadas a partir das referências pronunciadas pelos próprios entrevistados durante a realização das entrevistas.

### 3 | CONCLUSÕES OU APENAS A ABERTURA DOS TRABALHOS

O que apresentamos acima diz respeito aos caminhos teóricos e metodológicos da pesquisa. Da mesma forma que os resultados, tais percursos são importantes, sobretudo quando entendemos que os caminhos que nos levam a construir algumas respostas são diferentes de outros trajetos.

No universo bastante amplo das narrativas orais sobre a morte e os mortos, muitas sensibilidades afloraram e tremeram as vozes dos narradores. O material coletado está em análise. E, tal qual o mistério se faz presente nos saberes e nas memórias sobre os mortos e seus trânsitos no além cristão, ele será o preâmbulo de outros escritos, pois as narrações sobre a vida e a morte e suas interpretações a partir das sensibilidades deixam dúvidas e incertezas. Esse é o tempo desta escrita.

### REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

ARIÈS, Philippe. **O homem diante da morte**. São Paulo: Unesp, 2014.

BORGES, Maria Elízia; SANTOS, Alcinéia Rodrigues dos; GOMES, Laryssa Tavares Silva (Org.). **Estudos cemiteriais no Brasil**: catálogo de livros, teses, dissertações e artigos. Goiânia: UFG; FAV; Ciar; FUNAPE, 2010.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 12. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CONCEIÇÃO, Joanice Santos. **Duas metades, uma existência**: produção de masculinidades e feminilidades na Irmandade da Boa Morte e no Culto de Babá Egun. 2011. 210 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais/Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais/Antropologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

CRUIKSHANK, Julie. Tradição oral e história oral: revendo algumas questões. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 149-164.

GOODY, Jack. **O mito, o ritual e o oral**. Petrópolis: Vozes, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

MARCÍLIO, Maria Luiza. A morte de nossos ancestrais. In: MARTINS, José de Souza (Org.). **A morte**



**e os mortos na sociedade brasileira.** São Paulo: Hucitec, 1983. p. 61-75.

MARTINS, José de Souza (Org.). **A morte e os mortos na sociedade brasileira.** São Paulo: Hucitec, 1983.

OEXLE, Otto Gehard. A presença dos mortos. In: BRAET, Herman; VERBEKE, Werner (Org.). **A morte na Idade Média.** São Paulo: USP, 1996. p. 28-78.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades: escrita e leitura da alma. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; LANGUE, Frédérique (Org.). **Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais.** Porto Alegre: UFRGS, 2007. p. 9-22.

PORTELLI, Alessandro. **A morte de Luigi Trastulli e outros ensaios: ética, memória e acontecimento na história oral.** Lisboa: Unipop, 2013.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de história oral.** São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta.** São Paulo: Letra e Voz, 2016.

REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX.** São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

REIS, João José. O cotidiano da morte no Brasil oitocentista. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe (Org.). **História da vida privada no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 96-141. v. 2.

RIEDL, Titus. Últimas lembranças: retratos da morte no Cariri, região do Nordeste brasileiro. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secult, 2002.

SÁEZ, Oscar Calavia. **Fantasmas falados: mitos e mortos no campo religioso brasileiro.** Campinas: Unicamp, 1996.

SANTOS, Cícero Joaquim dos. **A mística do tempo: narrativas sobre os mortos na região do Cariri/CE.** 2017. 327 f. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

SANTOS, Cícero Joaquim dos. **No entremeio dos mundos: tessituras da morte da Rufina na tradição oral.** 2009. 227 f. Dissertação (Mestrado em História e Culturas) – Programa de Pós-Graduação em História e Culturas, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2009.

SANTOS, Cícero Joaquim dos. **Projeto de pesquisa.** Presença (in)dizível: sensibilidades de gênero nas narrativas sobre os mortos na região do Cariri/CE. Crato: Urca, 2017. Mimeografado.

SCHMITT, Jean-Claude. **Os vivos e os mortos na sociedade medieval.** São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

VAILATI, Luiz Lima. **A morte menina: infância e morte infantil no Brasil dos oitocentos (Rio de Janeiro e São Paulo).** São Paulo: Alameda, 2010.

VOVELLE, Michel. A história dos homens no espelho da morte. In: BRAET, Herman; VERBEKE, Werner (Org.). **A morte na Idade Média.** São Paulo: USP, 1996. p. 11-26.

VOVELLE, Michel. **As almas do purgatório: ou o trabalho de luto.** São Paulo: Unesp, 2010.

VOVELLE, Michel. **Imagens e imaginário na História: fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX.** São Paulo: Ática, 1997.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**DENISE PEREIRA:** Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-283-8

